

22/5/1985

Bóias-frias em greve já são 60 mil

São Paulo — Cerca de 60 mil bóias-frias da região de Ribeirão Preto, no interior paulista, entraram em greve em 14 cidades, segundo os cálculos dos líderes sindicais. O movimento deverá ampliar-se para outras áreas. Em Serrana, a Polícia Militar dispersou a golpes de cassetetes cerca de 20 trabalhadores que se preparavam para fazer um piquete.

A greve afeta as safras de cana e laranja, cuja colheita começou no início do mês. Em Batatais, a greve atingiu os trabalhadores das fazendas de café. O movimento é liderado pela Federação dos trabalhadores na Agricultura de São Paulo, entidade apoiada pelo PMDB, PCB e PC do B. Em Guariba, onde a liderança é da CUT, apoiada pelo PT, os bóias-frias aguardam o desenrolar do movimento para se decidir pela greve.

Prevenção e piquetes

Na rodovia que liga Ribeirão Preto a Serrana, 200 bóias-frias impediram que pelo menos 18 caminhões, cada um com 20 toneladas de cana recém-cortada, seguissem viagem. Às 15h, a rodovia foi desobstruída. Hélio Neves, principal líder da greve na região, disse que a orientação da Federação dos Trabalhadores é evitar confrontos com a polícia. O Tenente-Coronel Correa de Carvalho disse que a orientação da PM é agir preventivamente, para evitar a interrupção de estradas e dando garantia a quem quer trabalhar, sem dispersar os piquetes que não recorram à violência.

Os usineiros da região de Ribeirão Preto, proprietários de 21 usinas, reclamaram da atuação da Polícia Militar, alegando que os piquetes agiram livremente. Eles reconhecem que 11 usinas foram atingidas pela greve, mas não pararam suas atividades porque tinham estoque de cana.

As usinas e os produtores rurais medem a produção diária do bóia-fria por metro, mas pagam por tonelada. Os líderes sindicais reivindicam pagamento unicamente por metro, o que, segundo eles, evitaria fraude dos empregadores. Este é o principal ponto de discordância.

Hélio Neves, diretor da Federação dos Trabalhadores disse que os bóias-frias em greve aceitam a diária entre Cr\$ 16 mil 850 e Cr\$ 18 mil proposta pelos patrões, desde que o sistema de medição seja alterado, com o fim do critério por tonelada. "Se isso for obtido haverá acordo na maioria dos sindicatos em greve" — afirmou Hélio Neves.

A Federação dos Trabalhadores quer que os empresários calculem a produção por metro e apresentem a cada bóia-fria, ainda no canavial, um recibo assinado. O trabalhador poderá cobrar, no final do mês, o equivalente ao total de metros efetivamente cortados. Os produtores rurais argumentam que não podem medir a produção em metros porque o peso da cana varia com o dia em que foi cortada e com o tipo de cultura.

Os líderes sindicais dizem que este problema pode ser corrigido com uma tabela de preço com um valor fixo por metro para cada tipo de cana.

Pazzianotto

A Federação da Agricultura do Estado de São Paulo solicitou ao Tribunal Regional do Trabalho, às 18h, a instauração de dissídio coletivo para renovação do acordo salarial dos cortadores de cana — cuja data-base é setembro — depois de duas horas de negociações na audiência de conciliação.

Ao meio-dia, o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, havia telefonado de Brasília, pedindo que a Federação dos Trabalhadores, que lidera a greve, chegasse a um entendimento "em meia hora", caso contrário remeteria o processo para dissídio coletivo. "A Nova República não pode suportar novas greves", disse o Ministro a Hélio Neves. Às 18 horas Almir Pazzianotto voltou a telefonar, conversando isoladamente com as partes.

(Página 7)